



A proferção às missões religiosas

Antes de entrarmos no assunto acentuaremos que a classe operária não tem preferências políticas e julga os governos sem atender aos partidos de que são oriundos e tendo em linha de conta, exclusivamente, os actos que praticam—actos que de qualquer modo afectem os interesses e as regalias das classes trabalhadoras. Feita esta declaração, destinada a neutralizar, ou melhor, a inutilizar as especulações dos pescadores de águas turvas que pretendem levar a massa operária a reboque de ambições e interesses partidários, passámos a expor algumas das razões porque discordamos do decreto elaborado pelo ministro das Colónias, com o fim de proteger as missões religiosas no ultramar. Discordamos do referido decreto sem nos importar a pessoa que o decretou e a situação política que entendeu achá-lo digno de ser posto em prática.

Em primeiro lugar os membros dessas missões ficam isentos do serviço militar, porque são padres. E como ninguém está isento dessa obrigação imposta pelo Estado, verifica-se logo de entrada que foi aberta a favor dos padres uma exceção odiosíssima.

O decreto estabelece aos padres vencimentos, transportes e aposentamentos, isto é: concede-lhes generosamente todas as regalias que usufrui o seu funcionalismo, o que quer dizer que os considera como a él pertencendo. E a isenção do serviço militar reveste-se, com esta circunstância, dum maior odioso: o Estado admitindo os padres ao seu serviço consente que elas sejam isentos das leis militares que abrangem, indistintamente, todas as pessoas do sexo masculino. Acresce ainda a circunstância do Estado só abrir os cofres, só se mostrar generoso com as missões católicas; fica ignorando a existência das missões protestantes, que são também religiosas. Verifica-se, pois, que o Estado reconhece exclusivamente a existência da religião católica: ampara-a, protege-a e favorece-a,

As missões destinam-se a civilizar o negro. Supunhamos — o que fazermos ingênuos — que civilizam os que habitam os sertões seria ensiná-los a ler, primeiro do que tudo, e depois a dar-lhes as noções científicas e técnicas que fariam delas séries conscientes e civilizados.

Notas & Comentários

A crise da imprensa

A imprensa está atravessando uma crise gravíssima. Para agravá-la surgiu agora mais um factor: a suspensão da velha regrada de isenção de franquia de que gozava. Diz-se que a administração dos Correios e Telegrafos necessita de arranjar dinheiro. Ora, em todos os países onde se olha a sério a utilidade das relações postais os Estados suportam grandes deficit dos Correios e Telegrafos, certos de que esse deficit resulta num benefício colectivo pelo aumento das relações. Cé, por enquanto, ainda não se vêem as coisas sob esse aspecto.

Um convite

O ministro dos Negócios Estrangeiros convidou os directores dos jornais diários a comparecer hoje no seu ministério, no Paço das Necessidades, pelas 17 horas, a fim de com elas trocar impressões acerca de certas notícias de carácter internacional vindas a público na imprensa.

Livros novos

O dr. sr. A. de Brito Fontes acaba de publicar uma conferência que não ovegou a pronunciar por ocasião do centenário da fundação da Escola de Cirurgia de Lisboa e que intitulou: Esboço do estado actual dos nossos conhecimentos sobre a acondroplasia. Trata-se de um estudo curiosíssimo sobre os deformados de nascença que não só interessam aos homens de ciência como aos profanos. Também o maior sr. Francisco Aragão publicou um livro curioso, Tropas, negras, onde, aparte a tese militar que não nos agrada, trata a raga negra com aquele interesse e inteligente carinho que no homem civilizado devem merecer indistintamente todas as raças. Mais de esforço faremos mais larga referência a este livro que, tendo aspectos que não nos interessam, também possui facetas dignas de registro.

Uma festa em favor da "Batalha" em Cascais

Uma comissão de camaradas e amigos decididos da Batalha, residentes em Cascais, vai realizar um espectáculo no Teatro Gil Vicente daquela vila, que promete revestir imponência, visto que a comissão conta já com elementos valiosos.

Dentro em breve publicaremos o programa definitivo.

Lede O Suplemento de A BATALHA

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

Resultou imponentíssima a quarta sessão de protesto realizada no Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria

Foram aprovados importantes documentos e proferidos interessantes discursos

No Sindicato dos Empregados do Comércio e Indústria realizou-se ontem, com larga concorrência, a quarta sessão de protesto contra a carestia da vida.

Presidiu à sessão que abriu às 22 horas, um dos mais inteligentes militantes desta classe, secretariando os camaradas Abraão Coimbra e Edmundo Tavares.

O presidente a abrir a sessão proferiu um pequeno discurso pleno de demonstrações da não razão de ser do aumento dos géneros alimentícios.

O orador aconselhou os assistentes, na sua maioria empregados no comércio, a repudiarem a obra de assambacamento que os comerciantes estão realizando.

Só assim, conclui, os empregados no comércio poderão conscientemente afirmar a sua repulsa pela carestia da vida.

Tomou a seguir uso da palavra Mário Pinto que declarou que os empregados no comércio, mais do que outra classe, têm o dever de em sessões desta natureza afirmarem a sua não responsabilidade no songemento ou no aumento do preço dos géneros.

Os empregados no comércio não têm culpa do assambacamento dos géneros por que elas apenas são trabalhadores ao serviço de determinada empresa.

E com ardor:

— Que culpa têm os arsenalistas do material de guerra que saí dos estabelecimentos onde elas empregam seu labor? Elas o que sucede com os empregados no comércio.

Os comerciantes, prossegue o orador, guardam a bom recato os géneros que faltam ao público. Mas esse criminoso gesto é de única responsabilidade dos seus autores, e não dos empregados ao seu serviço.

O orador passou em revista a obra miserável dos exploradores do povo, focando

com veemência alguns factos de assambacamento, que mereceram da assemblea vivos protestos contra os assambacadores.

O ponto de vista dos empregados no comércio

Mário Pinto termina o seu discurso apresentando a seguinte moção:

“Atendendo a que a actual carestia da vida está prejudicando imenso uma população de seis milhões de indivíduos, em benefício exclusivo de meia duzia de abortos da espécie.”

Considerando que a agravar a resistência à subida desmedida dos artigos essenciais à vida, há a enorme crise de trabalho sem que contudo haja produção demasiada em stock; ainda que, a prolongar-se este estado de benevolência que vem sendo dispensado aos traficantes de humanidade, negros dias nos estão reservados, pois que a fome é má conselheira, e o direito à vida é sagrado;

A classe dos empregados no comércio e o povo consumidor da capital, reunido a convite do S. E. C. I. L., na sua sede em 8 de Outubro de 1926, resolve:

Que os empregados no comércio comunicuem para este Sindicato o local onde se encontram os artigos assambacados, desde que disso tenham conhecimento.

Que este organismo oficie ao governo o seguinte:

1.º Exigir dos poderes constituidos uma ação judicial energica, a fim de pôr um freio a tão vertiginoso depauperamento da humanidade.

2.º Que seja facilitada a entrada livre nas alfândegas a toda a matéria prima e maquinismos para a laboração das indústrias para que estas se desenvolvam e possam competir com as estrangeiras, debelando assim a chomage que grassa através do país.

3.º Que seja proibida por completo a exportação de todos os géneros alimentícios, ainda que haja abundância, chamando a responsabilidade os respectivos trans-

portadores.

Admitida esta moção, Sebastião Marques, das Juventudes Sindicalistas, diz que o organismo que representa, ao invés do que insinua a burguesia, não é uma instituição de bandidos. As Juventudes Sindicalistas são organismos de educação moral e de preparação mental da mocidade trabalhadora.

Logo, esta instituição não poderia alhear-se destas manifestações de preparação de um movimento de protesto contra a carestia da vida, pois este flagelo torna importante a obra que os jovens estão empenhados na miséria a que arremega os que trabalham.

O orador fala a seguir sobre o assambacamento dos géneros, tendo palavras de repulsa contra a obra de extermínio de vidas que estão realizando os comerciantes.

E a terminar:

— Esta demonstradíssimo que os assambacadores não arrepõem caminho,

Falou depois o camarada Manuel Maria de Sousa, que numa interessante dissertação provou a ilegitimidade do aumento do preço dos géneros alimentícios.

No entender do orador, o movimento contra a carestia da vida não pode limitar-se ao âmbito em que grava. O operariado tem que sair dessa inércia, o operariado tem que erguer-se contra a ladroeira infame que campa em Lisboa. Só assim os objectivos da Câmara Sindical do Trabalho poderão materializar-se. — *Fortes aplausos.*

Foi dada a palavra ao camarada Dominguinhos.

(Continua na 2.ª página)

PERANTE A CRISE DE TRABALHO

Transformemos Lisboa numa cidade moderna e civilizada

As obras do Parque Eduardo VII poderiam ser o início de uma época de útil remodelação da capital

Na apreciação das belezas naturais deste país ninguém há mais insuspeito do que nós, os avançados. Não somos chauvinistas, não temos bairrismo, vemos as qualidades e belezas naturais deste país, com a mesma imparcialidade com que apreciamos as dos outros. Se afirmamos que Lisboa é uma das cidades mais formosas do mundo não nos julgamos em exagero. Apenas dizemos a verdade e, ainda por amor à verdade, não hesitamos em declarar que nenhumha outra capital civilizada tem sido tão votada ao desprazer como esta.

Se não fossem os seus explêndidos recursos naturais—a fer-

cidades modernas. Obstáculos burocráticos na antiga Câmara Municipal inutilizaram essa iniciativa que tantos benefícios traria ao público.

Agora, como já tivemos ocasião de noticiar, uma empresa estrangeira prontificou-se a realizar, em condições que se nos afiguram vantajosas, algumas obras no Parque Eduardo VII que não só dotariam a cidade de um bom elemento de progresso como daria à Câmara receitas que a habilitariam a empreender novas e grandes remodelações que urge fazer na cidade.

Não se sabe, por enquanto, se a proposta referente às obras

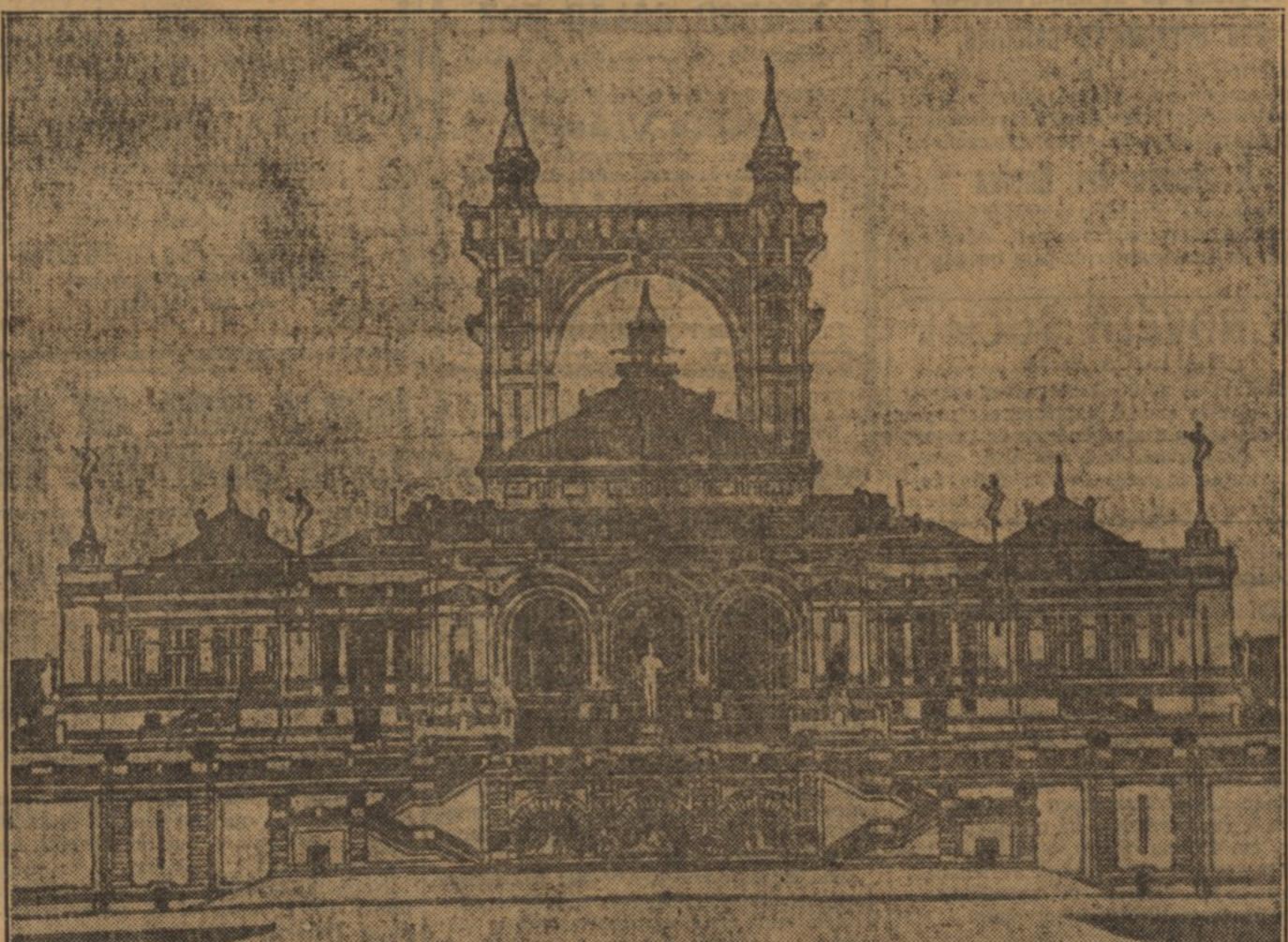
de avenida deixa de lado a questão das estradas.

Na sequência da proposta de transformar o Parque Eduardo VII em uma grande avenida, o governo deve proceder a um

planejamento que respeite a todos os interesses da capital.

É preciso que o governo faça o que é devido ao povo lisboeta.

As obras do Parque Eduardo VII poderiam ser o início de uma época de útil remodelação da capital



O que seria o Palácio das Exposições no Parque Eduardo VII, segundo a proposta que a Câmara está apreciando

tilidade do solo que lhe proporciona os lindos jardins, a situação geográfica que lhe dá, vista do Tejo, um aspecto deslumbrante, a amenidade do clima que a torna suportável aos seus habitantes—Lisboa seria inabitável.

Se bem que excepcionalmente favorecida pela Natureza, escassez-lhe tudo quanto resulta do trabalho inteligente dos homens. Faltam-lhe canalizações decentes, serviços de higiene modernas, como os do Rio de Janeiro, restaurantes limpos e atraentes, bôsbolas pobres, e até aqueles centros de distração e de prazer imprescindíveis naquelas cidades que, pela sua situação geográfica, são frequentemente visitadas por estrangeiros.

O clima é bom, se a paisagem é bonita, se os arredores são encantadores, é porque não transformar Lisboa num grande centro de turismo, que a anime daquela exótica vida, cosmopolita, que além de dar um aspecto de estranha beleza às cidades lhes garante uma actividade febril e frutificadora?

Parce-nos que, nesta hora da crise angustiosa, não haveria que hesitar em dar-se inicio a uma série de trabalhos tendentes a dotar Lisboa, pelo menos, daqueles elementos de civilização e de progresso que já são banalidades lá fora.

Para isso é necessário abandonar-se aqueles hábitos rotineiros que tantas energias aproveitáveis e tantas iniciativas úteis têm inutilizado. Ainda não há muito tempo que por pouco não tivemos em Lisboa o metropolitano, como já existe em todas as

do Parque receberá a sanção da Câmara. É de esperar que seja visto tratar-se de um empreendimento de tão alto valor, que neste momento tanto contribuiria para a solução de um problema gravíssimo: a crise de trabalho.

Se, como é de esperar, o projecto for aprovado, embora com algumas modificações que a Câmara entenda dever introduzir-lhe, Lisboa ficará dotada de um formoso elemento de progresso que a fará aproximar das capitais estrangeiras.

Estamos certos de que a Câmara saberá, nesta hora grave, encarar estes problemas com largueza de vista e não esquecer que Lisboa, com alguns anos de trabalho inteligente, desde que tornasse o seu porto acessível à navegação estrangeira e a capital agradável para a permanência de alguns dias, poderia, num curto espaço de tempo, transformar-se no poiso preferido dos americanos que vêm à Europa e num centro de turismo tão notável como a Suíça, por exemplo.

E já não queremos fazer referência neste artigo às vantagens económicas que resultariam do aproveitamento do trânsito de mercadorias da América para Europa e vice-versa, que presentemente se está fazendo por acanhados portos espanhóis, mas infinitamente melhor administrados e aproveitados do que os nossos.

Para que os belos projectos se tornem realidade é preciso não os contrariar, antes incitar os homens que os concebem a realizá-los, como querem os que projectavam a bela transformação do Parque Eduardo VII.

A VIDA DOS RICOS E A VIDA DOS POBRES

O Tugúrio da Miséria é a trágica sepultura desses vermes humanos que residem nas apocalípticas regiões da dor

A fisionomia do Tugúrio da Miséria kouadais sob os eflúvios de suntuosidade do Palácio da Opulência, adquire expressões satânicas donde se examam, em caudais, tuíos de tragédia, rumores de cóleras e inextinguíveis nostalgias. De configuração desgrenhada, qual silhueta macabra, o Tugúrio da Miséria é a residência dos vermes humanos que proliferam nas apocalípticas veredas do Casal Ventoso.

- Visitei-o de tarde, quando o crepúsculo extinguia os lampões de vida naquele mundo de dor. A distância, quando o cicerone chamou a minha atenção para esse monte, eu não distinguia se aquela silhueta tinha forma de habitação ou se era um bizarro capricho da Natureza.

E só perto, já respirando as pútridas emanações que se volatizavam dessa bucara, eu percebi que se tratava de habitação.

Eis o resultado da minha visita:

O Tugúrio da Miséria é uma simples baraca formada por pedaços de madeira carunchosa e enegrecida e coberta por resíduos de telha e por fragmentos de folha de fiandres esburacados. Segundo o telhadão poderosa pedras que mantêm fixa toda a cobertura e serve como que de traveamento.

Dois orifícios, abertos em forma irregu-



O Tugúrio da Miséria

tive a sensação de toda a beleza trágica daquela moradia, onde residem três famílias que servem de porta e de janela. Todavia o acesso ao cacofo pode-se fazer por qualquer daquelas entradas.

Mas como fixar a objectiva, kouadais aquele cenário com a pressa febril de não perder o menor detalhe, se do interior do Tugúrio da Miséria se soltavam percutientes blasfêmias, angústias rancorosas, falando por toda a sua

punha o caso aclarado, mas os sr. a finalis-trador não me deixa trabalhar...

— Parcialidade, disse há pouco?...

— Sim, é que classificação se deve dar à atitude dum autoridade, que manda prender e reter durante quatro dias na cadeia uma mulher (minha esposa), que, directamente, nada tinha com o caso, enquanto continuava deixando gozar o sol da liberdade um cidadão sobre quem pesam graves suspeitas?

— Teve conhecimento do relatório apresentado ao Poder Judicial pelo agente Queiroz?

— Não. Não estava nesta cidade, quando ele concluiu o relatório e o apresentou ao Poder Judicial. Entretanto, escreve já ao agente Queiroz, pedindo-lhe o envio dum cópia. Estou à espera de resposta.

— Qual a atitude do sr. Fernando Mendes, padrinho da vítima? Tratou imediatamente, ao regressar de Paris, de contribuir para a descoberta daqueles que lhe haviam brutalizado a filha estremecida, não é verdade?

— Engana-se, meu amigo. Depois do meu encontro com ele, no regresso de Paris, em Vítiago, nos meados de Setembro, nunca mais lhe ouvi pronunciar uma palavra sequer sobre o caso, que revelasse o seu desejo de que o mistério da ocorrência do jardim da sua habitação se desvendasse. O sr. Fernando Mendes, que é cunhado do visconde de Montargil e íntimo do dr. Xavier, cuja casa foi assaltada por um bando de ladões (que tentaram apoderar-se das suas pratas, para o que se desfizeram do único obstáculo, amordacando minha filha, não esbocou até à data um único gesto que denunciasse o grande amor que frequentemente afirmava voltar a sua querida afilhada).

Para círculo, pretende agora, depois de bruscamente cortar relações connosco pôr-nos fora o prédio que habitamos há muito e do qual ele é senhorio.

Recebemos ordem para despejar a casa até ao dia 15 desse mês.

— Disse há pouco que falara com o sr. Mendes em Vítiago, quando este sr. regressava de França. Pode dar-me uma ideia geral da conversa que teve, então, com o padrinho da sua filha?

— Sim, posso. Nos meados de Setembro, bastante tempo depois de ter vindo a esta cidade, encontrei-me naquela estância termal com o sr. Mendes, que, então, voltava de passear, com sua esposa, pelo estrangeiro.

O sr. Fernando Mendes falou-me no sucedido na sua casa da Figueira, e eu, muito naturalmente, preguntei-lhe como havia tido conhecimento daquilo a que se referia, respondendo-me ele que lhe informado ainda em França, ao mesmo tempo que sabia que o dr. Diego Xavier cortara relações com o visconde de Montargil, por este não ter ido defendê-lo das acusações contra ele, Xavier, formuladas...

O sr. Fernando Mendes muijou, repentinamente, de assunto, mostrando-se arrependido das confidências que fizera.

— Escarecei outro ponto: a pessoa ou pessoas que ficaram encarceradas da casa do sr. Mendes não teriam presenciado qualquer coisa de anormal ou sequer pressentido qualquer ruído estranho?

— Olhe, a pessoa que possuía a chave do prédio é o visconde de Montargil. No prédio, residia habitualmente uma alemã, dama da companhia de D. Celeste Mendes, que, dias antes do assalto a minha filha, alarmava frequentes vezes a vizinhança com a notícia de que lidas as noites presenciais ladões na casa. No jardim ficava sempre uma cadeia corpulenta, que, no dia da ocorrência, esteve sempre fechada numa casa de arredacção. Ora, é bem de ver que só pessoa conhecida poderia ter prendido a cadeia. Quem e com que intuito? Também é de notar que a cadeia não largasse durante a consumação do plano dos assaltantes, sendo, todavia, de esperar que, embora encerrada, a cadeia ladrassesse, desde que presentasse alguém que lhe fosse estranho.

Não deviam ser, porém, criaturas estranhas, porque aquela que preguntou à Margarida pelas pratas de seus padrinhos, sabia o que pouca gente conhece: que os srs. Fernando e D. Celeste Mendes são padrinhos (do crisma) de minha filha. Pouca gente conhecia esta particularidade.

O que é para notar também é que depois do dia 22 de Agosto, o dia do hediondo cometimento, a alemã não mais se queixasse dos ladões, cuja bulha de noite presenciava.

Olije, meu amigo, a minha opinião é de que isto não passou dum plano maduramente estudado e posto em prática com a cumplicidade de muita gente honesta...

Minha filha garante haver conhecido um dr. Xavier. Ao outro valeu-lhe o não falar, o ter-se conservado calado durante a scena.

— Por onde supõe que os bandoleiros hajam entrado no jardim?

— Por qualquer parte menos saltando os muros do jardim, que são muito altos e só com uma escada poderiam ser escalados. Num local concorrido como aquele e a uma hora daquelas, ninguém os transporia sem ser presenciado.

Restam duas hipóteses: ou elas entraram pela porta principal da residência do sr. Fernando Mendes, ou pela porta da sua garagem. No primeiro caso, os ladões — como lhe chama a imprensa honesta — deixariam vestígios da sua passagem: arranhamentos, etc.

— Sabe, de certeza, que não apareceram vestígios da sua passagem pela casa do sr. Mendes?

— Ao certo, ignoro-o, porque até hoje as autoridades não procederam a pesquisas naquela casa.

As autoridades que compareceram, momentos depois de se dar pelo assalto e até o próprio sr. dr. Calado, subdelegado de saúde local, impediram que se realizassem as pesquisas à casa, como alguma propunha, alegando que não era preciso porque bem se via que não havia nada de anormal. Gostava de saber como nasceu essa história da entitativa de roubo...

— Vamos lá saber outra coisa: é quais as criaturas que possuíam chaves da garagem do sr. Mendes?

— Já lhe disse que a chave da porta principal do prédio só o sr. Mendes ficava confiada ao seu cunhado, o visconde de Montargil.

Da garagem três pessoas possuíam chave: eu, o dr. Calado e o dr. Xavier, que, dias antes, havia conseguido que o dr. Calado lhe cedesse uma das duas que possuía.

— Sabe se o dr. Xavier fez alguma vez propostas amorosas a sua filha?

— Ela afirma que nunca notou qualquer perseguição. A minha filha mais velha é que confessou que, tempos antes, o visconde de Montargil a perseguiu com galanteios.

Sua filha Margarida conta que na ação com o dr. Xavier, este císsera, num tom que queria tornar compungido:

— Olhe, eu ali supunha que a vítima era sua mana mais velha...

— Sim, também o afirmo minha esposa, que assistiu à acação. Não sei, contudo, o que ele quis dizer com isso.

O que vai pelo estrangeiro

O império britânico

As tentativas de Baldwin para restituir-lhe a coesão

LONDRES, 8.—O primeiro ministro, dirigindo-se ao congresso anual do partido conservador, declarou que os tratados que garantem a inviolabilidade das fronteiras entre a Alemanha e a França, e a Alemanha e a Bélgica, podem ser consideradas como um sinal de triunfo para a diplomacia britânica, que largamente se tem esforçado em um cidadão sobre quem pesam graves suspeitas?

— Teve conhecimento do relatório apresentado ao Poder Judicial pelo agente Queiroz?

— Não. Não estava nesta cidade, quando ele concluiu o relatório e o apresentou ao Poder Judicial. Entretanto, escreve já ao agente Queiroz, pedindo-lhe o envio dum cópia. Estou à espera de resposta.

— Qual a atitude do sr. Fernando Mendes, padrinho da vítima? Tratou imediatamente, ao regressar de Paris, de contribuir para a descoberta daqueles que lhe haviam brutalizado a filha estremecida, não é verdade?

— Engana-se, meu amigo. Depois do meu encontro com ele, no regresso de Paris, em Vítiago, nos meados de Setembro, nunca mais lhe ouvi pronunciar uma palavra sequer sobre o caso, que revelasse o seu desejo de que o mistério da ocorrência do jardim da sua habitação se desvendasse. O sr. Fernando Mendes, que é cunhado do visconde de Montargil e íntimo do dr. Xavier, cuja casa foi assaltada por um bando de ladões (que tentaram apoderar-se das suas pratas, para o que se desfizeram do único obstáculo, amordacando minha filha, não esbocou até à data um único gesto que denunciasse o grande amor que frequentemente afirmava voltar a sua querida afilhada).

Para círculo, pretende agora, depois de bruscamente cortar relações connosco pôr-nos fora o prédio que habitamos há muito e do qual ele é senhorio.

Recebemos ordem para despejar a casa até ao dia 15 desse mês.

— Disse há pouco que falara com o sr. Mendes em Vítiago, quando este sr. regressava de França. Pode dar-me uma ideia geral da conversa que teve, então, com o padrinho da sua filha?

— Sim, posso. Nos meados de Setembro, bastante tempo depois de ter vindo a esta cidade, encontrei-me naquela estância termal com o sr. Mendes, que, então, voltava de passear, com sua esposa, pelo estrangeiro.

O sr. Fernando Mendes falou-me no sucedido na sua casa da Figueira, e eu, muito naturalmente, preguntei-lhe como havia tido conhecimento daquilo a que se referia, respondendo-me ele que lhe informado ainda em França, ao mesmo tempo que sabia que o dr. Diego Xavier cortara relações com o visconde de Montargil, por este não ter ido defendê-lo das acusações contra ele, Xavier, formuladas...

O sr. Fernando Mendes muijou, repentinamente, de assunto, mostrando-se arrependido das confidências que fizera.

— Escarecei outro ponto: a pessoa ou pessoas que ficaram encarceradas da casa do sr. Mendes não teriam presenciado qualquer coisa de anormal ou sequer pressentido qualquer ruído estranho?

— Olhe, a pessoa que possuía a chave do prédio é o visconde de Montargil. No prédio, residia habitualmente uma alemã, dama da companhia de D. Celeste Mendes, que, dias antes do assalto a minha filha, alarmava frequentes vezes a vizinhança com a notícia de que lidas as noites presenciais ladões na casa. No jardim ficava sempre uma cadeia corpulenta, que, no dia da ocorrência, esteve sempre fechada numa casa de arredacção. Ora, é bem de ver que só pessoa conhecida poderia ter prendido a cadeia. Quem e com que intuito? Também é de notar que a cadeia não largasse durante a consumação do plano dos assaltantes, sendo, todavia, de esperar que, embora encerrada, a cadeia ladrassesse, desde que presentasse alguém que lhe fosse estranho.

Não deviam ser, porém, criaturas estranhas, porque aquela que preguntou à Margarida pelas pratas de seus padrinhos, sabia o que pouca gente conhece: que os srs. Fernando e D. Celeste Mendes são padrinhos (do crisma) de minha filha. Pouca gente conhecia esta particularidade.

O que é para notar também é que depois do dia 22 de Agosto, o dia do hediondo cometimento, a alemã não mais se queixasse dos ladões, cuja bulha de noite presenciava.

Olije, meu amigo, a minha opinião é de que isto não passou dum plano maduramente estudado e posto em prática com a cumplicidade de muita gente honesta...

Minha filha garante haver conhecido um dr. Xavier. Ao outro valeu-lhe o não falar, o ter-se conservado calado durante a scena.

— Por onde supõe que os bandoleiros hajam entrado no jardim?

— Por qualquer parte menos saltando os muros do jardim, que são muito altos e só com uma escada poderiam ser escalados. Num local concorrido como aquele e a uma hora daquelas, ninguém os transporia sem ser presenciado.

Restam duas hipóteses: ou elas entraram pela porta principal da residência do sr. Fernando Mendes, ou pela porta da sua garagem. No primeiro caso, os ladões — como lhe chama a imprensa honesta — deixariam vestígios da sua passagem: arranhamentos, etc.

— Sabe se o dr. Xavier fez alguma vez propostas amorosas a sua filha?

— Já lhe disse que a chave da porta principal do prédio só o sr. Mendes ficava confiada ao seu cunhado, o visconde de Montargil.

Da garagem três pessoas possuíam chave: eu, o dr. Calado e o dr. Xavier, que, dias antes, havia conseguido que o dr. Calado lhe cedesse uma das duas que possuía.

— Sabe se o dr. Xavier fez alguma vez propostas amorosas a sua filha?

— Ela afirma que nunca notou qualquer perseguição. A minha filha mais velha é que confessou que, tempos antes, o visconde de Montargil a perseguiu com galanteios.

Sua filha Margarida conta que na ação com o dr. Xavier, este císsera, num tom que queria tornar compungido:

— Olhe, eu ali supunha que a vítima era sua mana mais velha...

— Sim, também o afirmo minha esposa, que assistiu à acação. Não sei, contudo, o que ele quis dizer com isso.

O conflito entre os empregados da Carris e os vendedores de jornais

A cerca do lamentável incidente havido entre vendedores dos jornais e empregados da Carris recebemos do Sindicato destes últimos a seguinte nota que passamos a reproduzir:

«Os Empregados da C. C. de Ferro de Lisboa reuniram-se em assemblea magna no dia 7 do corrente, pelas 20 e meia horas, para tratar expressamente do conflito latente entre vendedores dos jornais e condutores dos eléctricos, estando a assemblea em disposição de terminar de vez com este conflito, visto que não prestigia nenhuma das classes em litígio.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta de classes podem, pois, fazê-lo amanhã, último domingo do funcionamento desta interessante obra de solidariedade.

Chegando-nos à transcrição de quando se desse o caso, que é um tanto curioso, a umica das pequeninas vítimas da luta

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94975	
Madrid cheque..	2394	
Paris, cheque..	5565	
Stíga..	25785	
Bruxelas cheque..	5645	
New-York..	19588	
Amsterdão ..	7584	
Rália, cheque..	70	
Brasil, ..	2590	
Praga, ..	558	
Suecia, cheque..	524	
Austria, cheque..	2777	
Berlim, ..	4567	

LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki	
Como se forja um Mundo Nuevo.	6\$00
Cuentos de Itália.	6\$00
La vida de um Homem inútil.	6\$00
Wladimiro Korolento	
O Império da Muerte.	6\$00
Dr. G. Feydor	
La vida tragica de los Trabajadores.	10\$00
Jean Masestan	
La Educación Sexual.	10\$00
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad.	9\$00
E. Reclus	
El Montaña.	6\$00
El Arroyo.	6\$00
Octavio Mirbeau	
El Calvario.	6\$00
P. Krapotkin	
La ética, La revolución e el Estado.	6\$00
Luis Fabbri	
Critica revolucionaria.	6\$00
H. Malatesta	
Ideario.	6\$00
F. Dostoyevsky	
Los Hermanos Karamazov.	9\$00

ESPECTÁCULOS

TEATROS
CINEMAS
Tivoli — Central — Candes — Chiado Terreiro — Teatro — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Torreão — Cine Paris.
CINEMAS
Tivoli — Central — Candes — Chiado Terreiro — Teatro — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Torreão — Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

UNIÃO
TOURO DO EM
LIMAS — REGISTADAS press. das Limas
MARCAS — TOME SETEIRA, Almíl, rizadas em
qualidade com as melhores limas do Mundo.
Exportaram, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

Motocicletas SUN, B.S.A.
Bicicletas SUN, B.S.A.
Acessórios — Contadores para água — Gramofones — Discos — Artigos de futebol — Bicicletas «Onix» com unidos, 600\$00.

P. COELHO
Trav. de São Domingos, 28 — LISBOA

Banco de Portugal
O Conselho de Administração resolveu retirar da circulação, desde esta data, as notas de 100\$000 Réis, Ch. 2.º, Ouro, deixando portanto de serem válidas para a circulação, efectuando a sua troca na Tesouraria da Sede do Banco em Lisboa e na das suas Delegações desde o dia 11 do corrente até 9 de Dezembro p. futuro.

Lisboa, 8 de Outubro de 1926.

Pelo BANCO DE PORTUGAL
Os Directores

Manoel Casal Ribeiro Carvalho

José Caeiro da Matta

NOVIDADE LITERARIA

“A Peregrina

— DO —
Mundo Novo”

NOVELA POR

Ferreira de Castro

A venda nesta Administração

ESC. 6\$00

LA NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom número de escritores revolucionários — Preço 10\$00

Pedidos à administração de A BATALHA

Caminhos de Ferro do Estado

DIREÇÃO DO SUL E SUESTE
Serviço de Armazens Gerais

Concurso para a adjudicação da compra de azeite e óleo para iluminação
A NÚNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 12 do mês de Outubro, pelas 13 horas, na sede da Direção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de S. Mamede, n.º 63, Lisboa, se hâ de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 30.000 quilos de azeite de oliveira em 6 lotes de 5.000 quilos e 30.000 quilos de óleo para iluminação.

O concorrente a quem for feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório no prazo de oito dias contados da data em que a mesma lhe for notificada, com a quantia necessária para prezar 5% da importância total da mesma adjudicação constituindo, assim, um depósito definitivo que por intermédio da Direção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depósitos onde ficará à ordem da mesma Direcção.

Este reforço terá de efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilizada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Armazens Gerais, Calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa, e na Direção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 22 de Setembro de 1926. — O engenheiro chefe do Serviço de Armazens Gerais, (a), Freixo Terreiros.

FABRICA
endrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.º
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

ISQUEIROS
Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 25\$00. Pedidos à administração de A Batalha.

O que! nem uma palavra de compaixão, pensava Carlota com espanto, porque julgava seu pai em comunidade de princípios com o jovem serráleiro. Ah! ao menos, meu Deus, sede bendito. E' leve a terida de João; não correm perigo os seus dias.

— Ah!... se a revolução tem de se perder um dia, acode Desmaraus com amargura, aos doidos furiosos da espécie deste João Lebrenn o deverá! Malditos brutos! não querem perceber as vantagens da realza constitucional subordinada à Assembleia, e desonram as mais santas das causas como assassinatos cobardes.

— Meu pai, responde Carlota com voz firme, e a fronte purpureada por um generoso ressentimento, o sr. João Lebrenn é o mais generoso dos homens, e incapaz de...

— Ah! minha filha, assim como tu, acreditei na honestidade desse operário, que me dignei encher de obséquios, a-pesar dos avisos de meu cunhado, respondeu Desmaraus sem reparar na extrema animação de sua filha. Mas esse Lebrenn tomou parte activa na revolta de hoje... E' um bandido.

— Um bandido, João Lebrenn! torna Carlota indignada, e é meu pai quem...

— Meu amigo, interrompe sua mãe para demorar uma explicação dolorosa, não me disseste quais foram os motivos do teu regresso a Paris.

— Ontem à noite os boatos mais estranhos circulavam na Assembleia; dizia-se que o partido da corte, e que os membros da esquerda seriam presos como fusciosos.

— Oh! meu Deus, e tu, que pela violência das tuas opiniões, atraiste o ódio dos cortesãos...

— Não me arrancariam com vida da minha cadeira cural, respondeu magistrosamente Desmaraus como um romano da velha Roma. Porém o partido da corte, assustado pela agitação crescente de Paris, pelo estrondo do canhão da Bastilha, que se ouvia em Versalhes, recuou diante de tamanha atentado.

— Respiro, não és fugitivo, nem proscrito. Mas então porquê?

— Antes essa resposta, diz Gertrudes saindo.

BELTRÃO, LIMITADA

Rua da Madalena, 151, 1.º — Telef. C. 3029 — Lisboa

Novas baixas de preços para descongestionamento dos nossos enormes stocks

ROUPA PARA SENHORA	ROUPA PARA HOMEM
Parures em finíssimo opal, branco e de cós, lindamente bordados à mão.	Camisas em opísum percal alaciano, de lindos desenhos, com 2 colarinhos a preços de 20\$00, 20\$50 e 21\$00.
Camisa de dia.....	Camisas em opísum percal inglês, de lindos desenhos, com 2 colarinhos a preços de 23\$00, 23\$50 e 24\$00.
Camisa de noite.....	Camisas em opísum percal inglês, de lindos desenhos, com 2 colarinhos a preços de 24\$00, 24\$50 e 25\$00.
Combinação.....	Camisas em popeline branco ou creme, com 2 colarinhos a preços de 33\$00, 33\$50 e 34\$00.
Calça.....	Camisas riscado Virela, de lindos desenhos, com colarinho pégado, muito bem fabricadas.....
Em bom pano branco inglês, com barras de cor em opas, alças de ajuarote, lindamente enfeitadas a sjour.	Camisa riscado Virela, de lindos desenhos, com colarinho pégado, muito bem fabricadas.....
Combinação.....	Gravatas, desde.....
Calça.....	Calça.....
Calça.....	Calça.....

Grande saldo de retalhos de popeline, zefires, crepes e percais

Até ao fim do ano, nas compras superiores a 500\$00, cinco por cento de desconto!!! O verdadeiro boquim!!!

Depois de se termem informado dos preços da concorrência, visitem a nossa fábrica mesmo só a título de verificação.

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSIVEL AOS RICOS

A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

PROLETARIZOU-O

Por isso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxi “Citroën” (palhinha amarela) a qualquer outro

Teléfonos Norte 5521 e 5528
Escritório e Garagem: Rua Almirante Barroso, 21

ALPARGATAS



A venda nos bons estabelecimentos:

(Marco registado)

Fabricantes e vendas por grosso:

Raúl Ferreira

Rua Morais Soares, 56

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarregue-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármores de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Galpão do Combro, 38-A, 2.º

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 25\$00. Pedidos à administração de A Batalha.

“A Batalha” vende-se em todas as tabacarias

FÁBRICA DE ROUPARIA PARA HOMENS E SENHORAS

Rua da Madalena, 151, 1.º — Telef. C. 3029 — Lisboa

FABRICA DE ROUPARIA

PARA HOMENS E SENHORAS

Rua da Madalena, 151, 1.º — Telef. C. 3029 — Lisboa

FABRICA DE ROUPARIA

PARA HOMENS E SENHORAS

Rua da Madalena, 151, 1.º — Telef. C. 3029 — Lisboa

FABRICA DE ROUPARIA

PARA HOMENS E SENHORAS

Rua da Madalena, 151, 1.º — Telef. C. 3029 — Lisboa

</

A BATALHA

A ACÇÃO DA A. I. T.

Realizou-se em Paris uma importante conferência das centrais aderentes à Associação Internacional dos Trabalhadores

O que foi essa magna assembléa, segundo as atas das respectivas sessões

Perante esta situação precária, será preciso considerar as possibilidades dum trabalho comum entre os camaradas franceses e os sindicalistas imigrados na França. A C. G. T. reformista e a C. G. T. U. têm o seu programa.

Temos aí um vasto campo de trabalho, mas nada se poderá fazer, se não se marcha de mão dada com os nossos camaradas franceses.

Se tivéssemos muitos sindicalistas entre os imigrados, teríamos uma força muito grande. Vamos pois tentar examinar alguns remédios: o primeiro é, julgo eu, constituir em Paris um comitê de ação, ramificação do secretariado de Berlim, comitê que englobaria as forças italiana, espanhola e portuguesa, e, se isso for possível, os franceses também. Ou então incorporar-seão estes três órgãos nas organizações francesas, mas isso é uma outra questão. Sem isso, é a falência absoluta de todos os nossos esforços, e eu não quereria associar-me mais tempo a um trabalho negativo que conduzir-nos há a nada, e que não nos deixará sequer confiança em nós próprios! O segundo remédio está na força da A. I. T. na França.

Mais é preciso absolutamente resolver a questão italiana, porque sem isso nada podemos fazer. Nada temos nem jornal oficial, nem dinheiro. O pouco dinheiro que podem dar os I. W. W., nós não queremos que fique em França, queremos que sirva para a propaganda interna na Itália. E' preciso que o porta-bandeira da U. S. I. não desapareça completamente na Itália. Se os sinais de vitalidade da U. S. I. desaparecerem na Itália, deixariam de ter o direito de falar no estrangeiro.

Seria muito lamentável para nós, romper com os I. W. W., que nos têm sempre auxiliado. E' preciso enfim considerar todos os meios para manter o espírito revolucionário dos meios italianos na França por *tournées* de propaganda, edição de jornais, etc.

Persici, italiano, dá um resumo dos métodos italiani de luta de classes, particularmente na Construção Civil.

Borghí, continuando, diz: A C. G. T. italiana tem o seu delegado oficial na C. G. T. francesa. Tem o seu jornal, e faz *tournées* em toda a França. Todo o movimento italiano está aqui. Os socialistas têm igualmente o seu movimento. Os comunistas igualmente na C. G. T. U. Os anarquistas têm os seus grupos aqui.

Persici—Muitos camaradas italiani estão organizados nos sindicatos franceses, e fazem pesados sacrifícios.

Souchy—Conhecemos a situação lamentável em que se encontram os camaradas italiani. A A. I. T. deve, pois, auxiliar estes camaradas aqui.

Tentámos fazer alguma coisa; fizemos apelos, etc. Vou exprimir o meu ponto de vista sobre esta questão. Quando vemos por exemplo os camaradas espanhóis que publicaram um jornal que tirou perto de 10.000 exemplares, não têm os italiani possibilidade de fazer qualquer coisa sem se apoiar unicamente no exterior? Se os 2 ou 3.000 membros da U. S. I. da Itália estivessem convosco aqui, poderíeis fazer qualquer coisa. Não compreendo que não se possa atrair sindicalistas entre todos os italiani que estão aqui.

Bernard—E' preciso ir ao fundo deste problema, porque a situação feita na hora actual aos nossos camaradas italiani e espanhóis, mas particularmente italiani é tal, que elas não são de todo responsáveis de nada ter feito, porque nada podiam fazer.

Se por exemplo a U. F. S. A. que existe no papel há dois anos, se tornasse uma realidade viva, se tivesse uma sede permanente, se pudesse, por conseguinte, dar hospitalidade aos nossos camaradas italiani, estes poderiam fazer bom trabalho aqui.

Pertencem em grande maioria aos sindicatos da construção civil, que estão fóra da U. F. S. A., porque a combatem. Não sabem porquê, não é por razões de principios, pois que tem os mesmos que os nossos. Por conseguinte a fraqueza do movimento italiano dimana da própria impossibilidade de ação dos camaradas franceses que se colocam no mesmo plano dos italiani no domínio da ação. Esta questão só pode ser resolvida numa maneira: com a existência da U. F. S. A. tornando-se qualquer coisa na França. Há a este respeito uma grave questão a examinar. Com efeito, pergunta-se: os nossos camaradas italiani, espanhóis, portugueses e outros, ao mesmo tempo que certos camaradas franceses que estão na Federação da Construção Civil, onde, em suma, utilizam o seu dinheiro para uma tarefa que não é a sua; pergunta-se, se devemos ir para uma nova scissão, que é mais moral do que material. Devemos pedir aos nossos camaradas franceses dos Sindicatos da Construção Civil da França inteira, do Sindicato Único da Construção Civil da região parisiense, de aderir à U. F. S. A., e no caso de recusa, constituir uma federação de Construção Civil autónoma, à qual poderíam aderir, por afinidade de doutrina, os nossos camaradas italiani e espanhóis.

No meu relatório, faço notar que chegamos a este ponto de ser obrigados a solucionar este conflito com os camaradas da Construção Civil. Os nossos camaradas estrangeiros estão, de facto, fora do movimento sindicalista francês.

Vamos pois ser obrigados a dirigir-nos a isso muito rapidamente, por cima das organizações aos sindicatos da construção civil de todo o país da região parisiense, perguntando-lhes, se querem ou não aderir à U. F. S. A., e as coisas não irão sós se nôs chegarmos a este ponto! Creio, que criando, ainda que isso seja dumma necessidade absoluta, sindicatos que seriam na maior parte compostos de estrangeiros, surgiriam ainda conflitos nas obras entre os camaradas estrangeiros e os membros da Federação Autónoma da Construção Civil.

Vida Sindical

Câmara Sindical do Trabalho
■ DE LISBOA ■

Reúne hoje o Conselho de Delegados, pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Descarregadores de Mar e Terra.— Reuniu-se a Direcção, tendo apreciado o resultado entre um grupo de descarregadores e a Companhia Nacional de Navegação. O secretário geral expõe as "démarches" realizadas para se solucionar o conflito, resolvendo a Direcção tomar as medidas necessárias para que tais casos se não repitam.

Foram lidas as circulares da Câmara Sindical do Trabalho, em que convida este sindicato a tomar parte no Congresso de Lisboa. A Direcção respondeu em princípio à assembleia geral a ida do sindicato ao dito congresso, com a condição de todos os sindicatos terem voto deliberativo.

Tomou conhecimento de que cinco sindicatos desobedecem às determinações da última assembleia geral, indo trabalhar na companhia do traidor Jardineiro, resolvendo-se que a esses cinco indivíduos sejam aplicadas as sanções já aprovadas e que se publique os seus nomes em *A Batalha*, para conhecimento de todos os camaradas, assim como os encarregados.

Os amarelos são os seguintes: "Alfama", Francisco de Oliveira Muge (Cara Larga), Gabriel (Ceguinho), João Baptista, Germano da Silva e "Capelas". A todos estes indivíduos não devem os encarregados de contar, sem que a próxima assembleia resolva em definitivo a sua situação.

Já no fim da reunião, tomou-se conhecimento de que o conflito com a Companhia Nacional de Navegação estava em vias de solução.

Litógrafos e Anexos.— Reuniu-se a Comissão Administrativa tratando de vários expedientes, entre eles correspondências dos litógrafos do Porto informando as fases do movimento da Litografia Nacional. Foi resolvido convocar a classe a uma assembleia geral para o próximo dia 13, pelas 20 horas, sendo a ordem dos trabalhos a seguinte:

Nomeação dos delegados à Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares, à C. S. T. e ao futuro congresso; Adesão ao congresso; Apreciação sobre a crise de trabalho e carestia da vida. Tamén foi resolvido que se à hora marcada não houver número, fica a mesma assembleia para o mesmo dia, pelas 21 horas, em 2.ª convocação, não havendo por isso convite prévio.

Federação da Construção Civil.— Reuniu-se a comissão administrativa tendo apreciado um ofício da Federação da Propaganda no Sul, comunicando existir presentemente a probabilidade de reorganizar-se o Sindicato da Construção Civil de Olhão, sendo resolvido dar à Secção todas as facilidades para que tal convite prévio.

Aplicado um ofício do Sindicato da Construção Civil de Viseu, congratulando-se a comissão administrativa desta Federação com a acção desenvolvida pelo referido Sindicato tendente ao cumprimento do horário de trabalho.

Foi apreciado o relatório dos delegados que a Coimbra foram assistir às sessões pró-reorganização do Sindicato da Construção Civil daquela cidade, reconhecendo-se satisfatório o resultado obtido, quanto o Sindicato ficou como era desejo desta Federação reorganizado, e com evidências a readquirir a sua antiga vitalidade.

Por último foram tratados assuntos de carácter administrativo.

Na ultima reunião do Conselho Federal desta Federação realizada na quarta e quinta-feira da p. p. semana, foi apreciado e aprovado o relatório da comissão revisora de contas respeitante ao 2.º trimestre do corrente ano.

Foram indicados Inácio Marques e José Casquillo para ocuparem as delegacias vagas respectivamente dos Sindicatos de Tires e Horta, Açores; o primeiro destes camara das ocupava no Conselho Confederal a delegacia do Sindicato de Ponte de Sôr que por motivo de há muito não dar sinal de existência lhe foi retirada a representação na Federação; o segundo ocupava a delegacia directa do Sindicato de Tires ao qual pediu a sua demissão que lhe foi aceite pelo referido Sindicato.

(Continua).

INSTRUÇÃO

Curso de Profissional de Escritório

Continuam abertas as matrículas para a admissão de alunos no 1.º e 2.º ano do Curso de Profissional de Escritório criado pela Associação de Classe de Empregados de Escritório. Este curso é constituído pelas seguintes disciplinas: português, francês, inglês, contabilidade, escrituração e geografia.

Na secretaria do curso, rua da Madalena, 225, 1.º, prestam-se todos os esclarecimentos nos dias úteis das 21 às 23 horas.

Secção Telegáfica

Federações

METALURGICA

Sindicato Metalúrgico de Évora.— Segue expediente e ofício.

Comité Metalúrgico de Propaganda no Norte.— Seguem 50 folhas de papel timbrado: o vosso ofício baixou ao conselho.

Sindicato Metalúrgico do Porto.— O ofício respeitante ao cumprimento do horário de trabalho, baixou ao conselho.

Sindicato Metalúrgico de Aljustrel.— Ainda esperamos resposta ao ofício enviado em 3 de mês transacto.

CRISE DE TRABALHO

Compositores Tipográficos

Convidam-se todos os desempregados e grevistas do *Correio da Manhã* que necessitem de subsídio a inscreverem-se hoje, das 18 às 21 horas, na sede do Sindicato, Rua António Maria Cardoso, 20.

Igualmente se convoca os colegas que têm listas em seu poder a fazer entrega às mesmas horas e aqueles a quem por lapso não foram enviadas os apelos devem abrir quetas a favor dos sem trabalho e grevistas.

A VENDA a 10.ª SÉRIE
DE OS MISTÉRIOS DO Povo

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6.500.

A obra mais barata que na gíria da publica-

Foi imponentíssima a sessão de ontem contra a carestia da vida



Tese sobre o problema do Inquilinato a apresentar ao próximo Congresso Extraordinário dos Sindicatos Operários de Lisboa

O problema da habitação, por qualquer dos seus vários aspectos que o encareçam, é aqueles que pela sua capital importância impõe o seu estudo ao proletariado. Tem o seu lugar marcado no plano daqueles problemas que são vitais para a vida do proletariado.

A par e passo que as sociedades avançam na sua marcha sempre ascendente e progressiva mais imperiosamente se impõe a solução de tão magnifico problema.

E' nas cidades, especialmente nas capitais, que a questão se apresenta com tal gravidade que por vezes toca a tragédia com todos os seus horrores.

O progresso concentrando-se particularmente nas cidades forçou-a um desenvolvimento da actividade e paralelamente a um aumento constante nas forças de produção. Isto trouxe ás cidades, mercê dum proletariado mais numeroso, um aumento de população que a sua capacidade de habitação não comporta.

Com este aumento desordenado dos aglomerados humanos—ás cidades—surgiu novos problemas por vezes mais graves ainda do que o da crise de habitação e para quem se a sua solução se tornou a pedra angular da solução dos restantes.

A promiscuidade a que a população pobre das cidades foi forçada a viver muito deve o desenvolvimento pavoroso da tuberculose que só em Portugal arrebata anualmente á vida para cima de 20.000 pessoas. Bem podem as estatísticas gritarem bem alto na eloquência dos seus números que é necessário debar tão perigosa doença que ameaça aniquilar um povo inteiro. Bem podem os médicos especialistas dedicar vidas inteiras de trabalho e sacrificio a esta doença.

Já no fim da reunião, tomou-se conhecimento de que o conflito com a Companhia Nacional de Navegação estava em vias de solução.

Conseguida deste modo a solução do problema do inquilinato, que considerámos a pedra angular da solução doutros não menos importantes para o proletariado, constataríamos quase automaticamente, por esse lado, a sua solução.

A profilaxia esbarra na promiscuidade; os médicos especialistas, mais graduado o seu esforço e dedicação, já não conseguiram dominar a doença; as estatísticas gritaram bem alto na eloquência dos seus números que é necessário debar tão perigosa doença que ameaça aniquilar um povo inteiro. Bem podem os médicos especialistas dedicar vidas inteiras de trabalho e sacrificio a esta doença.

A moral educativa do lar, tão necessária à educação da criança para a formação do seu caráter é coisa que lhe está vedada, por ausência absoluta de lar, no sentido perfeito do termo, nas famílias pobres. Crescendo assim, na ignorância das belezas morais dum lar, não tendo da família e do lar mais do que a noção vagamente amonstado de seres humanos, a criança, desenvolvendo-se neste meio, desamparada de bons exemplos e de sá moral vai adquirindo uma moral incompleta, quando não viciada e um carácter enfermo. Mais do que a escola, é o lar factor decisivo na educação moral da criança. Se a escola instrui, o lar completa educando.

A pesar da acção desenvolvida pró-educação da criança, a pesar de todos os conselhos da moderna pedagogia e dos esforços dos professores jámos este problema—educação moral da criança—fundamental nas sociedades, terá solução satisfatória sem que a todos seja permitido o direito de possuírem o lar.

A promiscuidade, mais que qualquer outra causa, é factor dissolvente da moral e da família. O contacto dos sexos entre a família a que forga a promiscuidade já nos deixa conhecer alguns casos de incesto. E quantos ignorados? E assim, lentamente, a falta de habitação vai exercendo uma acção corrosiva da moral e da família.

Mas não é só a criança que sofre, na sua educação, a falta do lar. São os próprios adultos. Todo o operário ao abandonar a oficina após um dia longo de luta intensa, quase sempre num ambiente de condições pesadas e saturantes, sente a necessidade de se acolher ao ambiente-salutar e cheio de beleza da família e entregue-se nesse remanso ao estudo dos assuntos que lhe são predilectos. Tendo vedado este lenitivo moral a agruras dum dia de trabalho, dadas as condições do seu lar, o operário foge de casa e da família refugiando-se geralmente na taberna onde se lhe oblitera a moral e o sentimento de família.

Muito mais longe poderíamos ir na descrição dos efeitos morais da crise de habitação se elas não fossem no duro contacto com a vida prática, bem conhecidos de nós todos.

O melhor écrano onde se vêem mais nitidamente projectados estes efeitos é nessa sub-classe de inquilinos, nascida da falta e carestia da habitação, denominados sublocatários. Convém notar que não é só a essa deficiência de casas que devemos todo este mal. O Estado tem nêles pesadas culpas. A habitação, como tudo em regime capitalista e de propriedade privada, está sujeita à lei da oferta e da procura. Com o aumento exponencial que sofrem as populações das cidades o equilíbrio desta lei rompe-se em favor dos senhores que com a sua moral de usura e sem escrúpulo algum se servem dessa circunstância, e a mantêm mesmo, para valorizarem a habitação, tornando-a mais cara.

Antes, porém, devemos esclarecer que, para maior facilidade de discussão, as dividimos em três partes: Direitos do Inquilinato, Novas construções e Organização e Defesa do Inquilinato.

Embora com objectivos comuns tratam contudo matéria diferente.

Direitos do Inquilinato

Reclamar do Governo:

1.º Personalidade jurídica para os sublocatários.

2.º Abolição expressa do direito de sublocação, com ou sem conhecimento do senhorio, pelos locatários.

3.º Que o arrendamento de quartos ou partes de casa seja feito directamente pelos senhores.

4.º Que a proporção das rendas a exigir por estes arrendamentos seja conforme o estipulado no art. 10.º, seu numero, pa-

dois para a carestia da vida.

15.º Que o governo proceda a isenção de contribuição predial por um prazo não inferior a 12 anos, a todos os prédios que, destinados à habitação, de futuro forem começados ou concluídos.

16.º Finalmente que o governo procure junto das direcções das rédes ferroviárias do país, a redução de 50%, nos transportes de materiais destinados à construção de prédios urbanos.

17.º Que o governo estabeleça a isenção de contribuição predial por um prazo não inferior a 12 anos, a todos os prédios que, destinados à habitação, de futuro forem começados ou concluídos.

18.º Que o governo proceda